

O “Programa do Galinho” na Rádio Educadora do Maranhão

The “Programa do Galinho” on Radio Educadora do Maranhão

El “Programa do Galinho” en la Radio Educadora do Maranhão

José Ferreira Junior, Gutemberg de Sousa Feitosa, Ramon Bezerra Costa

Resumo

A intenção deste artigo é refletir sobre a resistência das práticas comunitárias, com forte presença da oralidade primária e secundária (ONG, 1998; ZUMTHOR, 1993), no âmbito das relações entre pessoas dos meios rural e urbano em contato com a radiodifusão. O corpus é o “Programa do Galinho” da Rádio Educadora AM de São Luís do Maranhão. Trata-se de um produto radiofônico com mais de cinco décadas que vive o desafio de uma possível migração da emissora para a faixa FM. Agenciase ainda o conceito de memória e a percepção sobre os ofícios tradicionais na atualidade. A performance vocal do apresentador Carlos Henrique, o Galinho, falecido em 2021, vítima da Covid-19, é analisada de maneira a ressaltar seu protagonismo junto ao ouvinte/anunciante de avisos e de mensagens publicitárias do comércio popular de feiras e mercados, atitude que, juntamente com as notícias sobre festividades no interior, compõe um repertório que resiste ao tempo.

Palavras-Chave: Oralidade; Memória; Radiodifusão; Rádio Educadora AM; Programa do Galinho

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 23/09/2021 aceito em: 1/11/2021.

>> **Como citar este texto:**

FERREIRA JUNIOR, José. FEITOSA, Gutemberg; COSTA, Ramon. O “Programa do Galinho” na Rádio Educadora do Maranhão. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 12, n. 03, p. 148- 162, set./dez. 2021.

Sobre os autores

José Ferreira Junior

jferr@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-7441-8173>

É professor titular da Universidade Federal do Maranhão, atuando na graduação em Jornalismo, no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult). É docente permanente e coordenador do Programa do Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado Profissional), da Universidade Federal do Maranhão, campus São Luís..

Gutemberg de Sousa Feitosa

padregutofeitosa@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3157-7825>

Mestrando em Comunicação Profissional pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduado em Teologia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (2008) e em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2014).

Ramon Bezerra Costa

ramon.bezerra@ufma.br

<https://orcid.org/0000-0002-2512-9412>

Mestre e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ). Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa do Pós-Graduação em Comunicação (Mestrado Profissional) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Abstract

The intention of this article is to reflect on the resistance of community practices, with a strong presence of primary and secondary orality (ONG, 1998; ZUMTHOR, 1993), in the context of relations between people from rural and urban areas in contact with broadcasting. The corpus is the "Programa do Galinho" from Rádio Educadora AM in São Luís do Maranhão. It is a radio product with more than five decades that faces the challenge of a possible migration of the station to the FM band. The concept of memory and the perception of additional trades today is also promoted. The vocal performance of Carlos Henrique, Galinho, who died in 2021, a victim of Covid-19, is analyzed in such a way as to highlight his protagonism with the listener/advertiser of notices and advertising messages of popular trade in fairs and markets, an attitude that, together with news about festivities in the countryside, composes a repertoire that resists time.

Keywords: Orality; Memory Broadcasting; Radio Educadora; Programa do Galinho.

Resumen

La intención de este artículo es reflexionar sobre la resistencia de las prácticas comunitarias, con fuerte presencia de oralidad primaria y secundaria (ONG, 1998; ZUMTHOR, 1993), en el contexto de las relaciones entre personas de zonas rurales y urbanas en contacto con la radiodifusión. El corpus es el "Programa do Galinho" de Radio Educadora AM en São Luís do Maranhão. Es un producto de radio con más de cinco décadas que enfrenta el desafío de una posible migración de la estación a la FM. También se promueve el concepto de memoria y la percepción de oficios adicionales. Se analiza la actuación vocal de Carlos Henrique, Galinho, fallecido en 2021, víctima del Covid-19, de tal forma que se resalte su protagonismo con el oyente / anunciante de avisos y mensajes publicitarios de comercio popular en ferias y mercados, una actitud que, junto a las noticias sobre las fiestas en el campo, componen un repertorio que resiste el tiempo.

Palabras clave: Oralidad; Memoria; Radiodifusión; Radio Educadora AM; Programa do Galinho.

Introdução

O debate sobre o futuro da radiodifusão, nas últimas duas décadas, tem se pautado sobremaneira pela agenda acerca da convergência midiática

(CEBRIÁN HERREROS, 2011), lógica discursiva oportuna e necessária, mas que também deixa de revelar aspectos importantes ligados ao universo de práticas comunitárias, em cuja dinâmica se encontram elementos culturais, econômicos e do campo da comunicação, despidos de evidente relação com as tecnologias digitais.

A escolha pelo “Programa do Galinho”, veiculado há mais de cinquenta anos pela Rádio Educadora AM, pertencente à Arquidiocese de São Luís do Maranhão, com apresentação de Carlos Henrique, o Galinho, foi pelo fato de ele, de alguma forma, exemplificar um período de transição para emissoras, profissionais e ouvintes, em que hábitos e formatos antigos resistem e convivem de maneira compartilhada e complementar com os recursos da mídia digital.

Trata-se de processo histórico que precisa de um olhar fora dos centros hegemônicos, com atenção para as relações cultivadas há décadas, debate que não deve ser interdito apenas pela colocação em cena da variável tecnológica.

Para operacionalizar esse ponto de vista, foram agenciados os conceitos de oralidade e de memória visando desvelar aspectos atinentes à vida comunitária rural, urbana e rurbana, cultivadores de ofícios e do comércio tradicionais, neste caso diante da presença da comunicação radiofônica.

A articulação entre os pressupostos normativos de mercado e a natureza do tipo de produção do “Programa do Galinho”, numa perspectiva comunicacional voltada à comunidade local, altera a percepção sobre o desafio lançado à emissora: a migração da faixa AM para a faixa FM.

Diante de tal problema, a certeza mais tangível é que as oralidades primária ou secundária vão seguir a trajetória secular de se traduzir e se reafirmar.

Oralidade, memória e os ofícios tradicionais

A importância dos ofícios tradicionais (o trabalho do ferreiro, do gráfico, do jardineiro, por exemplo) e de sua permanência em comunidades rurais, e até mesmo em centros urbanos, foi objeto de um artigo, publicado há mais de vinte

anos, de autoria de Jerusa Pires Ferreira (1996), cuja atualidade reside, sobretudo, no fato de ele se reportar a técnicas do fazer ligadas à transmissão do conhecimento, "com origem numa espécie de revelação inicial" (FERREIRA, 1996, p.103), convertido em práticas e em manejos que são repassados pela oralidade. Trata-se de um conhecimento no qual a comunidade devota respeito e admiração ao artífice.

A caracterização conceitual de memória a liga à esfera comunitária, com ênfase na exposição oral (RICOEUR, 2007; CHARTIER, 2009), razão pela qual sua representação operativa tem peculiaridades que a distinguem, nos aspectos mais pertinentes, ao conjunto de elementos daquilo entendido por história. Chartier, tendo como referência o pensamento de Ricoeur, desenha a distinção, embasamento para o qual converge este artigo, por estabelecer os limites, mesmo que às vezes tênues, objeto de análise mais à frente. Eis o balizamento entre memória e história de Chartier (2009, p.21 -22):

Se o primeiro é inseparável da testemunha e supõe que suas declarações sejam consideradas admissíveis, o segundo dá acesso a "acontecimentos que se consideram históricos e que nunca foram a recordação de ninguém". Ao testemunho, cujo crédito se baseia na confiança outorgada à testemunha, opõe-se à natureza indiciária do documento. A aceitação (ou o repúdio) da credibilidade da palavra que testemunha o fato é submetida pelo exercício crítico, que submete ao regime do verdadeiro e do falso, do refutável e do verificável os vestígios do passado.

A memória se ancora na prática da vida cotidiana/comunitária cujo fundamento está nas relações de confiança que o relato oral intermedeia, costume com perenidade perceptível e indutor de sua inserção naquilo que, para Paul Zumthor (1993), significa a prevalência da oralidade, às vezes até transladada para outros lugares em que essa fala se traduz em expressões grafadas. Os balões com expressão verbal das histórias em quadrinhos e das charges nos jornais são um exemplo de fácil constatação.

Numa relação de diálogo que é oportuno estabelecer com outro pensador da oralidade primária e secundária, Walter Ong, podem ser compreendidos, no enredamento dessa questão, os meandros pontuais entre o exercício da exposição da linguagem oral direta e midiaticizada.

A oralidade primária alimenta estruturas de personalidades que de certo modo são comunais e exteriorizadas, e menos introspectivas do que as comuns entre os pertencentes à cultura escrita. A comunicação oral agrupa as pessoas. Escrever e ler constituem atividades solitárias que atraem a psique para dentro de si mesma (ONG, 1998, p. 82).

Há três décadas, Walter Ong identificava, ainda, uma oralidade residual na tessitura escritural, aspecto que o aproxima de Zumthor; e, também, uma "oralidade escrita da cultura oral secundária, gerados pelo rádio e pela televisão" (ONG, 1998, p. 179), algo que, para ele, iria requerer um estudo mais aprofundado, sendo esta uma questão que vem alimentando debates pontuais no âmbito da Comunicação, desde o final do século XX e mais sistematicamente nas primeiras décadas deste século XXI, sem a ênfase talvez que o tema demande.

É importante ressaltar que, para Walter Ong (1998, p.196), há de se reposicionar o conceito de *mídia*, por ele quase sempre evitado, em razão de que:

a comunicação humana, verbal ou não, difere do modelo do "meio" de uma forma mais essencial pelo fato de requerer uma resposta prevista, a fim de que possa ocorrer. No modelo do meio, a mensagem é transportada da posição do remetente para a do receptor. Na comunicação humana real, o remetente deve estar não apenas na posição de remetente, mas também na do receptor antes que ele possa enviar algo.

O entendimento de que os ofícios tradicionais e as práticas comunitárias, incluindo-se as de caráter festivo, se entrelaçam e se comunicam por intermédio de agenciamentos midiáticos disponíveis, tendência que acompanha os aglomerados rurais, urbanos e rurbanos, estes últimos vistos na conceituação de Gilberto Freyre (1982), cuja característica é conciliar o desenvolvimento à tradição, exemplificada mais abaixo quando serão citadas localidades da baixada maranhense, apontando para um exame crítico no qual se agrega uma longa tradição de práticas religiosas e festivas, que tem sua origem no processo de colonização brasileiro, protagonizado pela Igreja Católica (TINHORÃO, 2000).

Caso se adote um olhar em perspectiva, é algo próximo à temporalidade medieval, capturada por Jacques Le Goff, de modo a aproximar arranjos culturais e laborais:

Pode-se divisar uma evolução, uma trajetória da noção de trabalho, do valor ligado ao trabalho e, simplificando as coisas, dizer que na alta Idade Média o trabalho é uma atividade e um valor menosprezados. Por quê? Trata-se sobretudo de trabalho rural, e, segundo uma tradição que o cristianismo apenas reforça com relação à Antiguidade, o camponês é menosprezado. Na Antiguidade, ele é o grosso, o rústico, em oposição ao homem da cidade. [...] A partir do século IX, a difusão, em toda a cristandade, da regra de São Bento, que insiste muito na importância do trabalho manual, representa um acontecimento muito importante para história do ocidente. O monge, ele próprio trabalhando, valoriza-o, considerando o trabalho uma forma de penitência e de oração.

Mas, seja qual for o *status* depreciado de numerosos trabalhadores que evocamos, a grande valorização do trabalho se dá na cidade. Esta é uma das unções históricas fundamentais da cidade: nela são vistos os resultados criadores produtivos do trabalho.

Todos esses curtidores, ferreiros, padeiros... são pessoas que produzem coisas úteis, boas e, às vezes, belas, e tudo isso se faz pelo trabalho. (LE GOFF, 1988, p.47-49).

O comércio do artesanato e a venda de alimentos, entre outras modalidades comerciais, demandam abordagens vocais em forma de anúncio, que requerem uma imersão no universo desses agentes mercantis, mas também comunitários, em processo contínuo de afirmação ritualística, oportunizando, paralelamente, a aceitação de formas de expressão novas (gírias, onomatopéias, aliteraões, etc), desenho que gera o paradoxo da dinâmica cultural em ambientes cujo vetor mais forte é a comunicação na configuração da linguagem oral.

Rádio Educadora AM

Foi por ocasião do Concílio Vaticano II – CV II (1962 - 1965) que a Igreja Católica passou a observar de maneira mais positiva os meios de comunicação. No documento conciliar *Inter mirifica*, constata-se a importância dada à comunicação. Convém mencionar que foi o referido Concílio que cunhou o termo comunicação social, fato muitas vezes esquecido pelos estudiosos da Comunicação, mesmo por aqueles que defendem posições mais afeitas à dimensão humana das práticas comunicacionais, em oposição ao tecnicismo que avançou significativamente a partir do final do século XX.

Com esta expressão procurou-se caracterizar a dimensão “social” dos meios necessários à realização de uma comunicação de grupo. A proposta de uma nova terminologia foi aceita pelo Concílio sem mais discussões e foi logo aplicada noutros documentos da Igreja [...]. A partir desta terminologia ficou claro que a expressão “comunicação social”, entendida como comunicação entre seres humanos, inclui, além dos meros instrumentos técnicos modernos, todas as outras formas de comunicação humana. (DARIVA, 2003, p.68)

Uma vez que já era detentora de veículos de comunicação, como a própria Rádio Vaticano, a Igreja, no CV II, deliberou que o uso dos meios de comunicação, como TV e rádio, qualificava a sua missão primordial: evangelizar. Esta é entendida ora como anúncio explícito do evangelho, ora como ensinamento da doutrina, ora como promoção humana e social.

Se nas primeiras comunidades cristãs o testemunho de vida e a fraternidade podem ser considerados os principais instrumentos de comunicação do evangelho, atualmente, os meios de comunicação social têm sido utilizados pela igreja como ferramentas para comunicar os princípios do catolicismo.

Uma das principais características do rádio é sua capacidade de se fazer próximo. “[...] O rádio apresenta uma série de características diferenciais de expressão em relação a outros meios. [...] Assim, emissor e receptor determinam, necessariamente, a forma e os conteúdos da comunicação radiofônica” (ORTIZ; MARCHAMALO, 2005, p.15).

A Igreja Católica tem uma longa tradição e organização no tocante a comunicação. O Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, hoje chamado de Dicastério para a Comunicação⁵⁵, tem contribuído para que a Igreja se aproprie, com competência e discernimento, das linguagens, das técnicas e de recursos dos meios de comunicação social.

Nos níveis continentais e nacionais existem organismos, como a *Signis* Brasil, que buscam qualificar a comunicação eclesial. Em nível das dioceses, existem organismos como a Pastoral da Comunicação, que buscam qualificar

55. Órgão oficial do Vaticano que se ocupa da comunicação dentro e fora da Igreja.

comunicadores populares e eclesiais, e há ainda, em algumas dioceses, veículos de comunicação à disposição da Igreja.

É de se destacar o importante papel que o rádio desempenhou quando foi instrumento de alfabetização no Brasil. Inúmeras comunidades foram beneficiadas pela capacidade de informação e formação que o rádio ainda possui. As rádios *educadoras*, que tinham essa finalidade educacional, indicam como a comunicação radiofônica pode beneficiar a vida do cidadão. No Brasil continental, o Nordeste foi bastante ajudado nesse aspecto.

No Maranhão, destaca-se o protagonismo da Educadora, emissora da Arquidiocese de São Luís. Em 1962, começou a empreitada de conceber uma rádio para comunicar educação, justiça, cidadania e evangelho à população maranhense. Após quatro anos de preparação, em 12 de junho de 1966, vai ao ar a emissora do “Povo de Deus”, como a missão “Educar, divertir e informar”, como diziam seus *slogans* à época.

Outro *slogan*, “Evangelizar e construir cidadania”, se refere ao surgimento da emissora, que se deu na época da ditadura militar, momento histórico de cerceamento de direitos e liberdades individuais, algo que é silenciado na página oficial da rádio, ressaltando-se, entretanto, seu alinhamento histórico às comunidades rurais e operárias.

No dia 24 de julho de 1960 a rádio foi registrada e em 1962, através do decreto nº 815, no então Ministério de Viação e Obras Públicas que liberou a concessão de funcionamento. E no dia 12 de junho de 1966, a emissora entrou em funcionamento, tendo como sede um imóvel situado na rua do Sol, 535, Centro de São Luís. Pelo fato de a emissora ter o seu conteúdo voltado à comunidade interiorana do Maranhão, a sua programação inicial ficou a cargo de instituições públicas, como Secretária de Agricultura e Educação do Estado, Associação de Crédito Assistência Rural e Movimento de Educação de Base. Assim, em tempo recorde, de três semanas, sua programação foi elaborada por educadores e profissionais do rádio conhecidos da época. (RÁDIO EDUCADORA, 2020b).

No Maranhão, foi a quinta emissora a ir ao ar. No início, abrigou corpo funcional, não necessariamente, vinculado à Igreja Católica: educadores, teólogos, clérigos, pedagogos, comunicadores populares. Em potência, em quadro funcional, em prestação de serviços, a Rádio Educadora já nasceu com

significativo porte, para a realidade local, e externando responsabilidade social e eclesial. Tratou-se da primeira estação radiofônica no estado do Maranhão a se preocupar, explicitamente, com a zona rural.

Devido ao potente transmissor (25.000 watts) e ao longo alcance (cerca de 85% do Estado), a rádio Educadora exerceu (e ainda exerce) certo protagonismo, sobretudo no que tange às comunidades rurais e às periféricas urbanas maranhenses.

A emissora nasceu no contexto de um Maranhão pobre e bastante desigual (os anos 1960), carente de muitas coisas, especialmente de educação, estradas, telefonia, saúde e políticas públicas em geral. A Educadora, nesse contexto, se propunha a contribuir com a educação das camadas mais empobrecidas e ser, ainda, uma via de ligação entre as comunidades distantes e o poder público, destacando-se os programas que cooperaram para o desenvolvimento de pequenas localidades, em termos culturais e econômicos.

Some-se a isso a pouca presença de clero no Estado. A Educadora funcionava, também, como uma eficaz estratégia da presença da Igreja via rádio, transmitindo programas de evangelização, catequese e celebrações, no plano mais estritamente religioso. A Educadora contribuiu de maneira intensa para o desenvolvimento das Comunidades Eclesiais de Base (as CEB's), ao veicular programas de integração social e de formação política, guiadas pela fé, para as comunidades católicas.

A programação não agradava a alguns grupos ligados ao poder militar, em razão de a rádio Educadora denunciar injustiças sociais, no campo e na cidade, e promover a educação com base nos direitos humanos e na construção da democracia. Era alvo de represálias, públicas ou veladas. Sendo considerada uma "rádio de esquerda" desde sua fundação, a emissora defendia os interesses da população excluída do progresso então propalado, identificando-se com a nascente Teologia da Libertação que pregava, entre outras coisas, a opção preferencial pelos pobres e um catolicismo voltado para os problemas sociais.

A Educadora foi uma das pioneiras na luta pelo direito a meia passagem no transporte coletivo para estudantes na capital, São Luís, cujo ápice se deu, em 1979, numa greve estudantil que ficou registrada na memória dos moradores da cidade; e, vinte anos mais tarde, na cobertura da Comissão Parlamentar de Inquérito, acerca do crime organizado (envolvendo o roubo de cargas e outros crimes), instaurada pela Assembleia Legislativa do Maranhão, nos anos de 1999 e 2000, na qual o modelo de transmissão ao vivo dos debates da CPI elevou o prestígio e a audiência da emissora. Em ambos os casos, a vontade da sociedade civil prevaleceu. A meia passagem foi reintroduzida para estudantes de todos os níveis e a CPI culminou com cassações e prisão de deputados estaduais.

Programa do Galinho: a interlocução com comunidades rurbanas

A Rádio Educadora é reconhecida por ter colaborado para a formação de diversos profissionais: apresentadores, repórteres, narradores. Um exemplo emblemático é o radialista Carlos Henrique, que durante mais de cinquenta anos apresentou o "Programa do Galinho", com grande audiência na região metropolitana de São Luís e nos municípios próximos da região continental.

O programa alterna conteúdos diversos como notícias, músicas e anúncios, também os chamados avisos, entre pessoas, grupos e comunidades, que são veiculados pela voz do apresentador em testemunhais ora formalizados em texto, ora criados espontaneamente, de acordo com o combinado entre remetente, destinatário e apresentador.

O Programa do Galinho era veiculado de segunda a sábado, das seis às sete horas da manhã, sempre com Carlos Henrique durante cinco décadas, sendo que, para os ouvintes cativados pelo apresentador, quem estava no ar era "Galinho Maravilha"⁵⁶, referência carinhosa e comum na relação radialista/ouvinte.

56. A denominação de "Programa do Galinho" tem por referência o fato de o galo, entre outras horas, cantar no início da manhã, de modo a fazer as funções de um "despertador". O nome do programa foi escolhido em razão disso e popularizou-se logo, ainda na década de 1960. Daí, evoluiu-se para a autodenominação de "Galinho Maravilha", sonora e semanticamente também acolhida por ouvintes da Rádio Educadora.

A performance do apresentador pode ser constatada, empiricamente, pela audição dos efeitos de entonação na leitura dos avisos e dos anúncios, fartamente divulgados ao longo de cada edição do programa. Essa questão alude ao fato de haver qualquer coisa de pregoeiro e de mercador nesse tipo de performance (SILVA, 1999), algo que remete ao medievo, são “cenários acústicos” construídos e interpretados de maneira improvisadamente criativa.

Um exemplo de aviso comunitário é o relativo ao festejo em homenagem a São Sebastião, durante o mês de janeiro de 2020, em duas localidades da Baixada Maranhense, região oeste do Estado, pertencente à área da Amazônia Legal: São Lourenço (município de Cajapió) e São João dos Arouches (município de São Bento). Os organizadores enviaram o texto para a emissora que o fez chegar ao apresentador cuja função é ler com acréscimos, e eventuais supressões, de maneira a deixar o escrito com a coloquialidade familiar aos ouvintes de localidades remotas, herança da tradição oral. Ressalte-se que tais festividades também são divulgadas em redes sociais da internet, mas os organizadores (famílias da região, geralmente) não prescindem da comunicação radiofônica. Portanto, são localidades que exemplificam a conceituação de espaços rurbanos, por motivo de, muitas vezes, serem dotadas de equipamentos usuais em termos citadinos: hospitais, escolas, igrejas, além de ruas pavimentadas e estabelecimentos comerciais.

Deduz-se que essa prática se deva a fatores culturais que agenciam questões econômicas, estruturais e comunicacionais da região. É notório o problema da exclusão digital na Amazônia (NERI, 2012), razão pela qual a radiodifusão tem importância estratégica para essa vasta extensão territorial, além de que a população, sobretudo na faixa etária de 50+, tem *habitus* arraigado, construído durante a vida toda, favorecendo à audição radiofônica.

Outra prática usual é o anúncio de pequenos estabelecimentos comerciais⁵⁷, localizados em feiras e em mercados populares, cujos

57. Mesmo com o nome de Rádio Educadora, trata-se de uma emissora comercial, autorizada legalmente a veicular publicidade e propaganda.

proprietários anunciam na emissora (estratégia para monetizar e ajudar a sustentar a rádio), sendo que, por intermédio deles, constata-se a proximidade entre comunicador e cliente, a exemplo deste comercial sobre os salgados:

Caim no seu comércio de salgados.
Tá lá o camarão. Tá lá a pescada.
Ainda tem uma farinhazinha.
E outras mercadorias (RÁDIO EDUCADORA, 2020a).

Para indicar a familiaridade com o comerciante, o apresentador informa:

E o Caim vai por estes dias
fazer uma viagemzinha.
Vai lá no interior
Abraçar seu Plácido
Pessoalmente e dona
Filomena lá em Santana
do Bequimão. (RÁDIO EDUCADORA, 2020a).

O programa de Carlos Henrique, o Galinho, manteve viva a tradição do aviso para o interior nas emissoras da faixa AM, marca da programação radiofônica de todas as estações de rádio em São Luís do Maranhão durante o século XX, em consequência sobretudo da precariedade e do custo do acesso à telefonia, além do fato de a dimensão geográfica do território ser, também, um fator que contribuiu, ao longo de décadas, para a prática de recados na programação radiofônica

A resistência temporal do "Programa do Galinho", na radiofonia maranhense, extrapolou os limites físicos da vida de seu apresentador Carlos Henrique. Vítima da Covid-19, o locutor faleceu em 27 de abril de 2021. O programa passou a ser apresentado pelo antigo sonoplasta de Carlos Henrique, Mateus do Brasil, colaborador que há bastante tempo auxiliava na interação do locutor com os ouvintes. O programa foi denominado, a partir do início da nova apresentação, de "Fazenda do Galinho", permanecendo no mesmo horário, das 6 às 7 da manhã, de segunda-feira a sábado.

O presente e um futuro para a Rádio Educadora

A emissora possui, atualmente, uma programação diversificada, em que se destacam programas religiosos, culturais, esportivos e jornalísticos. Integra também duas redes radiofônicas: a Rede Católica de Rádio (RCR), que congrega as diversas emissoras católicas no Brasil; e a Rede de Notícias da Amazônia – RNA, que reúne emissoras presentes na Amazônia Legal.

Desde 2015, a Rádio Educadora é administrada pelo Santuário São José de Ribamar, localizado a 30km do centro da cidade de São Luís, e vem passando por uma reestruturação, com o objetivo de requalificar a emissora e de reafirmar os princípios fundadores de informar, divertir e educar. No horizonte próximo, encontra-se a migração de faixa AM para faixa FM, ocasião em que a emissora espera potencializar a expansão da audiência, reafirmar a parceria com os anunciantes e trabalhar pela qualificação dos equipamentos.

Essa posição de migrar de faixa traz consigo um dilema e uma oportunidade. O desafio é fidelizar o ouvinte já cativado pela emissora e expandir a audiência para faixas etárias mais jovens. É um problema da radiodifusão brasileira no momento, algo que nem sempre aponta para a mudança, porque nem mesmo as normas de regulação do setor obrigam⁵⁸, sendo que, em várias regiões do país, a migração não é a melhor estratégia. Haverá, com a mudança, a perda de ouvintes no interior do estado do Maranhão, algo que em si não deve ser naturalizado, mas de alguma forma pode vir a ser mitigado no caso de se melhorar a transmissão sonora para áreas rurbanas à qual se vincula a Arquidiocese de São Luís.

O foco no conceito de rurbanidade é uma estratégia de pesquisa por meio da qual estudiosos, da área da Comunicação, têm se amparado para investigações acerca do chamado “Brasil profundo” (JACKS, TOALDO, LIMA, 2020). No caso desses pesquisadores, agora citados, opera-se uma migração

58. Verificar o Decreto presidencial nº 8.139 de 7 de novembro de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm. Ver também a portaria do então Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, nº 2.992, de 26 de maio de 2017.

territorial do conceito de rurbanidade, do México para o Brasil, com o propósito, no caso de uma pesquisa ambientada no Rio Grande do Sul, de ir ao encontro do que trabalha o antropólogo Bonfil Batalla (2019), na obra *México Profundo*, em que “analisa a civilização mexicana composta pela cultura indígena e a ocidental” (JACKS, TOALDO, LIMA, 2020, p. 3). No contexto rurbano latino-americano, há aspectos culturais comuns em vários países, cuja população é composta por vasta mestiçagem, aglutinativa de povos indígenas, quilombolas e das migrações tradicionais. No caso do Maranhão, sobretudo na baixada maranhense, região pré-amazônica, evidencia-se uma territorialidade rurbana complexa: tradicional e, ao mesmo tempo, adaptativa a novos formatos de transmissão sonora, contexto no qual o “Programa do Galinho” da Rádio Educadora se apresenta como uma espécie de replicador cultural em processo contínuo de atualização.

O caminho a ser seguido, em futuro próximo, pode variar, mas o que se faz perene, aparentemente, é o traslado (no sentido de tradução) da oralidade cotidiana das comunidades para as falas radiofônicas, sendo validado também o caminho inverso no caso do objeto desta investigação.

A resistência do agora Fazenda do Galinho, na Rádio Educadora do Maranhão, parece sinalizar para o fato de que pode haver diversos modelos de formato radiofônico, não sendo necessariamente operacional descaracterizar a programação, com a mudança da faixa de AM para FM, algo aparentemente inevitável para algumas emissoras, cujo maior vigor é estar alicerçada na tradição há décadas cultuada por profissionais, ouvintes e, até mesmo, anunciantes.

Referências

BATALLA, Guillermo Bonfil. **México profundo**: uma civilização negada. México: Grijalbo, 2019.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. O rádio no contexto da comunicação multiplataforma. Revista **Rádio-Leituras**, Mariana, MG, ano 2, v. 2, n. 2, p.69-105, jun./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/378>. Acesso em: 19 fev. 2020.

CHARTIER, Roger. **A história e a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DARIVA, Noemi. **Comunicação social na Igreja**: documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas. 2003.

FERREIRA, Jerusa Pires. Os ofícios tradicionais: cultura é memória. **Revista USP**, São Paulo, n. 29, p.102-106, mar./maio 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25645/27383>. Acesso em: 19 fev. 2020.

FREYRE, Gilberto. **Rurbanização**: que é? Recife: Editora Fundação Joaquim Nabuco, 1982.

JACKS, Nilda; TOALDO, Mariangela Machado; LIMA, Danillo dos Santos. Rurbanidade no "*Brasil profundo*". Análise de similitude em entrevista com jovens gaúchos. **Animus**, Santa Maria, RS, v. 19, n. 41, p.137-156, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/63379/pdf>. Acesso em: 23 set. 2021

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.

NERI, Marcelo (coord.). **Mapa da inclusão digital**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2012. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/20738/Sumario-Executivo-Mapa-da-Inclusao-Digital.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologia da palavra. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1998.

ORTIZ, Miguel Ángel; MARCHAMALO, Jesús. **Técnicas de comunicação pelo rádio**. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

RÁDIO EDUCADORA 560. Programa do galinho. 2020a. Disponível em: <https://onedrive.live.com/?authkey=%21ADneRPFDIVTXrz4&cid=1A3E4ACF196E4C11&id=1A3E4ACF196E4C11%212235&parId=1A3E4ACF196E4C11%21634&o=OneUp>. Acesso em: 19 fev. 2020.

RÁDIO EDUCADORA 560. História. 2020b. Disponível em: <http://www.educadora560.com.br/historia/>. Acesso em 19 fev. 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade midiaticizada**. São Paulo: Annablume, 1999.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.